

Anos depois, o discurso hipermediático sobre o massacre de Eldorado de Carajás*

Thaís Harumi Manfré Yado**

Resumo: Temos por objetivo investigar discursivamente recortes de um *corpus* constituído por reportagem do jornal Folha de São Paulo, em sua versão eletrônica, que falam sobre as “comemorações” dos doze anos do massacre de Eldorado de Carajás, ocorrido em abril de 1996, no interior do estado do Pará que resultou na morte de 19 trabalhadores rurais sem-terra, ligados ao movimento do MST. Buscamos estudar a materialidade linguística entrelaçando-a com as noções de memória discursiva e arquivo, apresentados por Michel Pêcheux.

Palavras-chave: hipermissão; discurso; memória; arquivo; Eldorado de Carajás.

Apresentamos, aqui, uma breve análise do discurso hipermediático do jornal Folha de São Paulo (jornal de grande circulação no estado de São Paulo) sobre o relato das “comemorações” relativas ao tema “doze anos do massacre de Eldorado de Carajás”. Ao escopo da Análise do Discurso (AD) de matriz francesa, observamos como a voz da mídia constitui sentidos de autoridade e suposta verdade, fazendo falar a narrativa sobre um acontecimento já passado no tempo agora marcado por outras condições de produção. Interessa-nos mostrar a maneira como essa voz formula e faz circular seus dizeres, inscreve o efeito de estabilização dos sentidos, atualizando-as, tanto para manter alguns sentidos, quanto para rompê-los.

Procuramos sinalizar que a mídia majoritária, ou corporativa, controla os sentidos mais disseminados, hegemônicos e tidos como evidentes no imaginário social, e sua difusão é apoiada pela classe dominante que detém os principais meios de comunicação no Brasil.

[...] a classe dominante, detentora dos equipamentos de transmissão cultural e de comunicação, filtra, recorta e seleciona um único sentido para circular, destinando todos os outros possíveis ao banimento, marginalidade e silenciamento. É preciso, então, levar em conta o lugar social dos interlocutores, investigar de quais regiões de poder ele está investido, observar que posição o sujeito ocupa na ordem social (ROMÃO, 2005, p. 4).

Pois, recordar um dos acontecimentos sociais de grande importância em relação à disputa de terras no Brasil significa, nas palavras de Nepomuceno (2007, p. 18) “soprar as brasas da memória para impedir que se tornem cinzas mortas”; ou seja, significa colocar em discurso sentidos, atualizando-os. Para situar as condições de produção dos discursos que analisamos, registramos que a tragédia de Eldorado de

* Esse texto é um recorte do TCC “Arquivo e memória no discurso e na arquivologia: um estudo de caso, Eldorado de Carajás” (2009).

** Mestranda em Ciência, Tecnologia e Sociedade do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar. Bolsista FAPESP. Pesquisadora do E-L@DIS – Laboratório Discursivo: sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimento, da FFLC/USP. E-mail: harumi21@gmail.com

Carajás ocorreu no interior do estado Pará no dia 17 de abril de 1996, em que uma rodovia foi obstruída por manifestante do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), que lutavam em prol da reforma agrária, iniciando então um confronto com a Polícia Militar (PM), que agrediu os manifestantes com tiros de metralhadora. Tal agressão resultou na morte de 19 pessoas que faziam parte da manifestação; logo, tal acontecimento tornou-se o mais impune que o Brasil já teve.

Como a AD postula a não transparência da linguagem e do sentido, o modo pelo qual o pesquisador trabalha com dados é particular e distancia-se da prática corrente nos estudos linguísticos centrados na análise de conteúdo. Assim, teoria e prática de análise se retroalimentam a cada novo estudo, pois os gestos de interpretação do analista, seus passos de escavação dos efeitos de sentido e o olhar dele sobre as dobras dos ditos, dos silêncios, dos resíduos e das margens do dizer configuram um mosaico de práticas singularizantes, que refazem, recompõem e realinham os pressupostos teóricos em espirais de movimento sempre novos.

Julgamos relevante avaliar como a mídia de circulação nacional, considerada a “grande mídia”, ou seja, voz de autoridade e credibilidade noticiou tal data, narrando ações de protesto dos movimentos sociais do campo e tratando a questão do assassinato dos 19 trabalhadores rurais e da impunidade dos mandantes do crime, tema que toca de perto o político e o discursivo, se os entendermos como constitutivos um do outro. Trabalhamos com a hipótese de que os efeitos de indignação em relação à impunidade e de denúncia em relação à concentração de terra no país ficaram silenciados nas textualizações jornalísticas do nosso *corpus*.

Partimos então para as análises, um *corpus* constituído por recortes de uma reportagem publicada na Folha Online, no dia 17 de abril de 2008, no caderno Brasil, em “comemoração” dos doze anos do massacre de Eldorado de Carajás. O título da reportagem é o seguinte: “MST ocupa sede da Vale, prédios do Incra e agências do BB”. Nessa manchete, marcamos a presença da marca linguística “ocupa” que, a priori filia-se a outra região de sentidos diferente daquela em que se inscreve o verbo “invadir”, instalando o efeito de algo possível que não apresenta violência. No entanto, observando a posição desse verbo - depois da sigla MST e antecedendo o relato do líder -, entendemos que a voz do jornal coloca em discurso o efeito de denúncia de algo que estaria fora da ordem tida como aceita, especialmente porque os locais ocupados são públicos e considerados patrimônio de toda nação. Em trabalhos anteriores (YADO; ROMÃO, 2007), observamos esse mesmo efeito de ilegalidade e de contravenção que se repete aqui em outros recortes. Ainda nesse recorte, percebemos a utilização de várias siglas – “Vale”, “Incra”, “BB”, que provocam um efeito de memória discursiva e de algo já dito antes em algum lugar, o que reclama do leitor o acesso ao arquivo (PÉCHEUX, 1997); somente dessa forma é que é possível compreender o que essas representações abreviadas colocam em discurso.

Esse percurso nos levou a inferir que os dizeres midiáticos são atravessados por fissuras, contradições, heterogeneidades e tensões de sentidos, que sempre podem ser outros e que são sustentados pela memória discursiva sobre os sentidos do agrário no país (ROMÃO, 2002). Finalmente chegamos à conclusão de que uma data como a do massacre de Eldorado de Carajás instala gestos de escrita e leitura a partir de uma memória discursiva, o que implica considerar que as palavras não nascem no momento em que são proferidas, mas inscrevem-se na teia do discurso, do fluxo e do movimento

de sentidos de repetição ou ruptura. A mesma data pode aglutinar em seu em torno um arquivo discursivo de dizeres publicizados na mídia, na Internet, no livro e em tantos outros lugares aos quais o sujeito teve acesso; isto é, quanto maior for o passeio pelas redes de memória, mais ele terá condições de tecer sentidos em seu arquivo ou no arquivo com o qual ele poderá jogar para a produção de novos sentidos.

Referências

- NEPOMUCENO, Eric. **O massacre** – Eldorado do Carajás: uma história de impunidade. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.
- ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Mais de perto, mil faces secretas sob a face neutra: considerações sobre a heterogeneidade no discurso jornalístico. **Anais eletrônicos da Associação Latinoamericana dos Estudos do Discurso**. Santiago, Chile, 2005.
- _____. **O discurso do conflito materializado no MST: a ferida aberta na nação**. 2002. 310p. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP: USP, 2002.
- YADO, Thaís Harumi Manfré; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. O discurso jornalístico sobre os dez anos de Eldorado de Carajás. **Grifos**. Chapecó, SC: Argos, 2007, p. 177-185.